

# ANÁLISE DA ENTREVISTA DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO À TV CANÇÃO NOVA<sup>1</sup>

Antônio Iraildo Alves de Brito<sup>2</sup>; Claudemir Francisco Alves<sup>3</sup>; Fernanda Nalon Sanglard<sup>4</sup>; Marcelo Junio Ferreira Gomes<sup>5</sup>; Robson Sávio Reis Souza<sup>6</sup>; Venício Artur de Lima<sup>7</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

É importante ter em vista o contexto sociopolítico em que se dá a gravação e a transmissão da “entrevista”.

O jornal *O Estado de São Paulo* deu chamada de capa no dia 25/10/21 com o título “TVs católicas e evangélicas recebem 40% das licenças na gestão Bolsonaro”. No corpo da matéria encontra-se a informação de que a **Canção Nova** foi a emissora que recebeu o maior número de autorizações de retransmissoras de TV digital.<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> GRAVADA NO DIA 15/10 E TRANSMITIDA NO DIA 28 DE OUTUBRO DE 2021. No canal da TV Canção Nova no YouTube, a entrevista vem sendo assistida por milhares de pessoas e recebendo muitos elogios. Seria interessante uma análise do conteúdo desses comentários.

<sup>2</sup> Presbítero da Pia Sociedade de São Paulo (Paulino). Doutor em Comunicação e Semiótica; diretor da FAPCOM. Graduado em Teologia e em Comunicação. Membro do Observatório da Comunicação Religiosa.

<sup>3</sup> Doutor em Literatura Comparada e Mestre em Teoria da Literatura (2001) pela Faculdade de Letras da UFMG; coordena a Assessoria de Monitoramento dos Poderes Públicos do Nesp/PUC Minas.

<sup>4</sup> Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC Minas. Doutora em comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Jornalista formada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>5</sup> Jornalista; é membro da Assessoria de Monitoramento dos Poderes Públicos do Nesp/PUC Minas.

<sup>6</sup> Doutor em Ciências Sociais e pós-doutor em Direitos Humanos; é especialista em Teoria e Prática da Comunicação Social e coordena o Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas. Membro do Observatório de Comunicação Religiosa. Coordenou o grupo de trabalho desta análise.

<sup>7</sup> Professor Emérito da UnB; doutorado e pós-doutorado em Communications pela University of Illinois at Urbana-Champaign. É também pós-doutor pela Miami University-Ohio (1991) e especialista em História do Cristianismo Antigo pela UnB (2009). Membro do Observatório da Comunicação Religiosa.

<sup>8</sup> É importante recordar, ainda: em junho de 2020, a agência “Estado” publicou reportagem, replicada em várias mídias, intitulada: “Por verbas TVs Católicas oferecem a Bolsonaro apoio ao governo” (aqui: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/06/interna\\_politica,1154396/por-verbas-tvs-catolicas-oferecem-a-bolsonaro-apoio-ao-governo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/06/interna_politica,1154396/por-verbas-tvs-catolicas-oferecem-a-bolsonaro-apoio-ao-governo.shtml)). A CNBB se manifestou: “Em nota, CNBB se diz indignada com propostas de TVs Católicas de apoiar governo em troca de verbas” (aqui:

O que se verificou no programa “Além da Notícia” não foi propriamente uma entrevista. Tratou-se de uma conversa informal entre o sr. Ronaldo da Silva<sup>9</sup>, jornalista e “missionário” da Comunidade Canção Nova, e o presidente Jair Bolsonaro. Tudo indica que havia uma pauta “acertada”, evidenciada ao longo da “entrevista” nas várias ocasiões em que Ronaldo da Silva, usando o jargão popular, “levantava a bola” para que o presidente a “chutasse”. Não há (uma) única interpelação ou observação crítica diante das afirmações de Jair Bolsonaro. Ao contrário, há quase que um regozijo.

O jornalismo é um tipo de produção narrativa não ficcional, mas também um fenômeno histórico e cultural, que envolve um tipo específico de enunciação e de linguagem, que se altera com o tempo, a partir das mudanças sociais. Entretanto, desde o princípio do reconhecimento do jornalismo enquanto instituição, ainda no século XIX, um de seus principais valores - a busca pela verdade - se manteve. Isso implica considerar que o discurso jornalístico assume com a sociedade um pacto em produzir sentenças que sejam verdadeiras e narrativas que tenham a pretensão de verdade.

Portanto, ser veraz e verdadeiro é um ideal amplamente difundido, seja no discurso jornalístico e no Código de Ética, seja nos manuais de redação e nas políticas editoriais. É dever profissional e ético do jornalista perseguir os fatos, ou seja, os acontecimentos que possam ser verificáveis e comprovados. Ainda que possa haver equívocos e erros, a verdade enquanto valor jornalístico nunca deixou de ser perseguida.

Quando um profissional se omite diante de inverdades, não se posiciona perante a circulação de desinformação e não desmente o entrevistado que está usando dados incorretos ou mentirosos, ele está agindo contra os preceitos fundamentais do jornalismo.

Diante do negacionismo, das teorias da conspiração e dos dados falsos, o jornalista deve se posicionar, sob o risco de que o relativismo ou perspectivismo o levem a corroborar com um projeto de ilusionismo e mentira. Nesse caso – e em tantos outros – não é possível alegar isenção ou imparcialidade, já que esses são valores cuja

---

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cnbb-repudia-pedido-de-verba-por-canais-de-tv-catolicos-em-troca-de-apoio-a-governo,70003327110>).

<sup>9</sup> Ronaldo Silva é missionário da Comunidade Canção Nova, locutor e apresentador. O jornalista trabalhou em Roma e foi uma das vozes oficiais da Rádio Vaticano em língua portuguesa. Atua na Rede Canção Nova há mais de 15 anos e, atualmente, apresenta todas as quintas-feiras, às 22h, na TV Canção Nova, o programa “Além da Notícia”, onde entrevista ‘personalidades’ diversas.

compreensão se alterou bastante com o passar tempo e o avançar das teorias da comunicação.

Tomar posição diante do óbvio é o que se espera de um profissional ético e compromissado com a informação, com a interpretação dos fatos e com o jornalismo também entendido como forma de conhecimento.

Gravada na residência presidencial, observa-se uma introdução empolgada do jornalista ao apresentar o participante do seu programa: “sempre que a gente sai do estúdio é porque a gente tem um convidado especial”, um “motivo especial”, colocando o presidente na condição de uma personalidade, ousamos dizer, “até” artística, para além de política.

“O corpo fala”, como diz o título dos autores Roland Tompakow, Pierre Weil: as expressões faciais e corporais do jornalista, para além da sua oralidade e caminhos narrativas da entrevista, o denunciam mesmo quando em silêncio: há uma verdadeira admiração e tentativa de endossar discursos defendidos pelo presidente e o impacto de suas ações político-administrativas. Se de um lado, critica-se a mídia tradicional brasileira acerca de construção de estereótipos e postura combatente ao presidente, o que vemos, neste caso, é uma contranarrativa no sentido nocivo dessa palavra, que se coloca de forma polarizada e claramente parcial.

Trata-se de perfil de “jornalista bajulador”, porque, do começo ao fim teceu altos elogios ao presidente. Noutros, teve a oportunidade de colocar o entrevistado em *aporia*, como, por exemplo, com a primeira pergunta sobre o “preço da gasolina”, deixando o presidente à vontade para suas posições negacionistas, insistindo na crítica ao “fique em casa” e ainda à defesa à “imunidade de rebanho”.

No geral, o jornalista preferiu perguntas “adocicadas” e silêncio convivente frente a imprecisões e inverdades, quando não, através de gestos de cabeça, autorizava o discurso mentiroso do presidente, inclusive quando defendeu a ditadura.

Outro exemplo, entre vários, são as questões sobre a privatização de empresas públicas e sobre as escolas militares e militarizadas. Além disso, sobretudo na parte final, há clara a intenção de propaganda eleitoral antecipada a favor da reeleição do presidente, o que parece configurar ilicitude.

## 2. ANÁLISE DE ALGUNS CONTEÚDOS DA ENTREVISTA

Quanto ao conteúdo propriamente dito da “entrevista”, a principal dificuldade da análise é que o “entrevistado” adota a mentira como uma estratégia política e, portanto, todas as informações por ele utilizadas precisam ser checadas; o que não acontece com os telespectadores que assistem uma entrevista. Um exemplo: sabe-se agora que os dados sobre criação de emprego alardeados pelo governo federal estavam aumentados em cerca de 47%.<sup>10</sup>

Da mesma forma, há uma série de informações inverídicas, inexatas e descontextualizadas sobre preço comparativo (com outros países) da gasolina e do gás de cozinha, sobre a inflação, segurança alimentar, a defesa da liberdade de expressão, a ausência de corrupção no governo, a não aceitação de indicação política para composição do ministério, a política ambiental, a relação com os povos originários, a vacinação e sobre o “tratamento emergencial”, o apoio da população à reforma da previdência, etc.

Apresentamos alguns detalhamentos da entrevista:

**0.01:00 – PREÇO DOS COMBUSTÍVEIS:** no início, o jornalista questionou se o preço da gasolina poderá reduzir. O presidente respondeu que as altas nas tarifas dos combustíveis ocorrem em razão do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), aplicado pelos governos estaduais. “O grande problema do momento é o ICMS”. De acordo com o presidente, os mandatários estaduais aplicam o tributo, de 30%, sobre o preço dos combustíveis nos postos. “Na verdade, os 30% incidem no preço final da gasolina. Então, os governadores fazem o quê? Cobram no preço da bomba, que está R\$ 6. 30% de R\$ 6 é R\$ 1,80”, sinalizou Bolsonaro a quantia de ICMS gerado em cada litro da gasolina, em média.

Porém, conforme a Petrobrás, são cinco os componentes do preço da gasolina. O que mais engorda as tarifas são os valores praticados pela própria empresa<sup>11</sup>. No preço do diesel, sobretudo. Na entrevista, o repórter não apresentou a informação acima como contraponto.

---

<sup>10</sup> Veja detalhes em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/numero-de-empregos-com-carteira-assinada-cai-a-metade-em-2020-apos-revisao-do-caged.shtml> . Acesso em 06nov2021.

<sup>11</sup> Fonte: <https://petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/precos-de-venda-de-combustiveis/>

Aprofundemos a análise desse ponto: no primeiro momento da interlocução é possível identificar a estratégia retórica de atribuir culpa a um inimigo comum, no caso, os governadores e o ICMS. A guerra de Bolsonaro travada contra os governadores advém do início da pandemia, quando vários gestores estaduais discordaram dos posicionamentos do presidente e da falta de uma gestão unificada de enfrentamento à covid-19. E Bolsonaro não perde a oportunidade de atribuir aos governadores – transformados em inimigos – qualquer tipo de responsabilização, como forma de justificar os problemas do país, inclusive os crônicos, que vão além de qualquer gestão específica.

É importante destacar esse aspecto, pois a estratégia de eleger um inimigo costuma ser utilizada pelo presidente de modo articulado com outra: a cortina de fumaça ou a tática do diversionismo. Para se esquivar de problemas e situações que não quer enfrentar, o presidente costuma culpar os inimigos e dizer coisas absurdas, polêmicas ou inadequadas, como forma de desviar a atenção do cerne do problema e, mais especificamente, das possíveis soluções. Diante de tantas atrocidades ditas pelo presidente em cerca de uma hora de entrevista, esse primeiro trecho do diálogo pode passar despercebido ou receber pouca atenção, mas merece ser destacado, porque comporta a tônica da atuação do atual governo.

Primeiramente, o aumento do preço dos combustíveis, como informado anteriormente, não se deve ao ICMS cobrado pelos governos estaduais, mas muito mais à desvalorização do real ante à escalada do preço do dólar. Ao manter o modelo de gestão que permite a oscilação do petróleo e de seus derivados conforme a variação do barril e do dólar, sem conseguir atrair investimentos internacionais e controlar a inflação, o governo é, em parte, o responsável pela alta dos preços.

Mas o presidente omite essa perspectiva e prefere culpar os adversários políticos, transformados por ele em inimigos comuns, e propor uma redução do ICMS, que não depende da presidência da República e que pode acarretar problemas fiscais para os estados. Assim, Bolsonaro imagina que a população passará a aderir à lógica do inimigo, cobrará dos estados e o livrará de tomar qualquer medida, constituindo assim uma “solução mágica”, mentirosa e ineficaz para resolver a curtíssimo prazo um problema muito mais grave.

Obviamente, a proposta de reduzir R\$1,20 do ICMS cobrado, deixando o ônus com os estados não resolverá problema algum, ainda mais quando os especialistas informam que a tendência é de alta dos combustíveis.

Apenas nesse primeiro trecho da entrevista o presidente ainda trabalha com outros dois dados incorretos e, portanto, mentirosos: o de que o valor do gás no Reino Unido aumentou 300% em dois meses e o de que a produção agrícola no Brasil alimenta um quinto da população mundial. Conforme as agências de checagem também já demonstraram, o Brasil não pode ser considerado com um dos países com melhor desempenho econômico durante a pandemia de covid-19. É interessante notar que desde esse momento inicial da entrevista o entrevistador não confronta ou tenta corrigir os dados incorretos utilizados pelo entrevistado.

**0.02.47 – O BRASIL É O PAÍS QUE MENOS SOFRE COM A CRISE:** desenvolve-se a tese de que a crise é mundial, decorrente da pandemia e da “política do fique em casa”. “O Brasil é o país que menos está sofrendo com a economia”, afirmou o entrevistado. Ele ainda comemorou que, mesmo no período de pandemia, mais empregos formais foram gerados. “O problema do desemprego é o trabalho informal”, observou.

Informações divulgadas pelo IBGE no fim de setembro mostram que, de fato, os empregos formais cresceram.<sup>12</sup> Todavia, tal aumento não está sinalizando efetivo crescimento na renda dos trabalhadores, o que não permite comemorações neste momento. “Apesar do crescimento da população ocupada no trimestre até julho, o rendimento médio real dos trabalhadores recuou 2,9% frente ao trimestre anterior e reduziu 8,8% em relação ao mesmo trimestre de 2020, ficando em R\$ 2.508”, assinala o instituto de pesquisa<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> É importante registrar que, segundo a PNAD/IBGE (de maio de 2021), além dos desempregados, o Brasil tem os trabalhadores classificados como subutilizados (pessoas que gostariam de trabalhar mais), que somam 32,946 milhões (crescimento de 8,5% em um ano, ou mais 2,575 milhões). E os desalentados que seriam 5,710 milhões, leve queda no trimestre (-4,1%) e alta anual de 5,5% (mais 299 mil).

<sup>13</sup> Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31732-desemprego-recua-para-13-7-e-atinge-14-1-milhoes-de-pessoas-no-tri-ate-julho>

**0.04.14 – ENTREVISTADOR SUGERE QUE O BRASIL VAI SAIR DA CRISE ANTES DOS DEMAIS PAÍSES:** o presidente celebra o número de empregos gerados, ignorando a correção feita pelo Caged, segundo o qual os postos de trabalho gerados no país foram praticamente a metade do valor apregoado pelo governo. O governo havia apresentado 142.690 novas vagas. Após a correção, esse número foi reduzido a 75.883 vagas.<sup>14</sup>

**0.04.50 – AUXÍLIO EMERGENCIAL E BOLSA FAMÍLIA:** o presidente não menciona que a proposta original do governo era a suspensão dos contratos de trabalho e um auxílio no valor de R\$ 200. O governo tampouco se mobilizou para apresentar uma proposta ao Congresso. Foi por iniciativa do Congresso nacional que o valor chegou a R\$ 600 em 2020.<sup>15</sup>

O presidente não menciona que o aumento do Bolsa Família que está em tramitação no Congresso só será possível graças à ruptura do teto de gastos – um dogma do mercado – criado com o objetivo de impedir o aumento nos gastos com políticas sociais. Essa autorização para gastar mais do que arrecada se constitui como uma “pedalada fiscal” que, no passado recente, foi a justificativa oficial para o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Na prática, o dinheiro para o “Auxílio Brasil” (novo nome do Bolsa Família) virá de um calote, já que o governo deixaria de pagar dívidas e usará o dinheiro para o novo programa, entre outros. Ademais, há uma série de denúncias segundo as quais o “Auxílio Brasil” seria um programa meramente eleitoreiro e que para a sua aprovação no Congresso há uma verdadeira “compra de votos de parlamentares”.<sup>16</sup>

**0.05.30 – MIL DIAS DE GOVERNO:** o repórter-missionário pede para que Bolsonaro comente sobre seus 1.000 dias de governo. Entretanto, não lançou olhar crítico, como deve ser feito em entrevistas jornalísticas, nas quais o ponto de vista dos entrevistados

---

<sup>14</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/11/03/numero-de-empregos-formais-criados-em-2020-cai-quase-a-metade-apos-revisao-do-ministerio-do-trabalho.ghtml>

<sup>15</sup> Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/30/coronavirus-senado-aprova-auxilio-emergencial-de-r-600>

<sup>16</sup> Leia o comentário do jornalista Janio da Freitas, da Folha, sobre este tema: <https://www1.folha.uol.com.br/columnas/janiodefraitas/2021/11/nao-se-ve-bom-senso-que-preveja-resultados-nao-assustadores-para-o-proximo-ano.shtml>.

deve ser confrontado para que o público forme sua opinião. O presidente respondeu elencando certos feitos do seu governo. Porém, não os detalhou.

Conforme o convidado do programa, houve nos 1.000 dias de governo: impulso ao agronegócio; restauração de ferrovias; “coisas boas no Ministério da Damares (que comanda o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos). “Nessa questão (dos direitos humanos) está sendo um sucesso com a Damares”. Acontece que a Anistia Internacional divulgou informe sobre 32 violações de direitos humanos e retrocessos nos mil dias do governo Bolsonaro. Entre as ações estão a condução da pandemia, os ataques à imprensa e as medidas que facilitam o acesso a armas de fogo.<sup>17</sup>

Ainda sobre o tema dos direitos humanos, Bolsonaro foi abordado sobre o golpe militar de 1964 e novamente defendeu a iniciativa dos militares, que ceifou vidas e mutilou outras milhares de pessoas. Nada relativo às consequências do período ditatorial foi pontuado pelo repórter.

**0.07.10 – GOVERNO SEM CORRUPÇÃO:** o presidente parece desconhecer o fato de que ele próprio e seus três filhos são acusados pela prática de peculato (comumente chamado de “rachadinha”). Desconhece também as tentativas de fraude e de obtenção de vantagens ocorridas dentro do Ministério da Saúde no processo de aquisição de vacinas, tal como evidenciado pela CPI da Covid no Senado.

O jornalista não questionou Bolsonaro sobre resultados da CPI da Pandemia, a qual concluiu haver um conluio no Ministério da Saúde para dificultar a campanha de vacinação; além de tentativas de corrupção com empresas intermediárias na compra de vacina.<sup>18</sup> Da mesma maneira, nada foi dito sobre a morosidade na vacinação e o desdenho do presidente pelos imunizantes. No relatório da CPI, Bolsonaro é ainda acusado de uma série de crimes, ignorados na conversa realizada pela emissora católica.

---

<sup>17</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/09/24/anistia-internacional-lista-32-violacoes-de-direitos-humanos-e-retrocessos-nos-mil-dias-do-governo-bolsonaro.ghtml>

<sup>18</sup> Fonte: <https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/volta-da-cpi-perguntas-vacina-corrupcao-fake-news/>

**0.07.28** – MINISTÉRIO CONSTITUÍDO SEM INDICAÇÕES POLÍTICAS: Bolsonaro ignora o fato de que seu ministério foi entregue ao centrão, como forma de impedir o avanço de um processo de *impeachment* na Câmara.<sup>19</sup>

### **3. RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA**

Avaliamos que do ponto de vista da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) merecem atenção especial as passagens em que o presidente, estimulado por Ronaldo da Silva, trata de suas convicções religiosas:

**A partir de 0.19.30:** Não é a primeira vez que o presidente diz acreditar que ter sobrevivido à facada em Juiz de Fora e ter sido eleito, confirmam um milagre de Deus e que, portanto, seu governo constitui uma missão divina.

Bolsonaro se diz também ouvinte diário do Programa "Manhã de Luz" com Pe. Alex, transmitido diariamente pela rádio Educadora de Jacarezinho, PR. Valeria uma análise sobre o referido programa e seu apresentador.

O presidente se apoia na “fé” para se afirmar um opositor do “sistema” e garantir que, se fosse outro no poder, o Brasil já estaria no socialismo e/ou no comunismo, além de ter uma visão distorcida da história em relação ao período de 1964 a 1985.

**A partir de 0.30.25:** estimulado por Ronaldo da Silva, Bolsonaro fala sobre família, valores e preservação da vida (entendida como luta contra o aborto).

**Aos 0.40.00,** Ronaldo da Silva cita o Papa Francisco como sendo contrário a “ideologia de gênero” e o presidente fala da sexualização das crianças, do Programa Nacional de Direitos Humanos III como propondo a desconstrução da família heteronormativa e afirma que estávamos a caminho de uma ditadura que acabaria com as diferenças entre homens e mulheres.

---

<sup>19</sup> Fonte: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ao-abrir-os-cofres-para-o-centrao-bolsonaro-criou-blindagem-que-dificulta-impeachment-leia-analise,70003834605>

**A partir de 0.56.40:** O presidente cita a Bíblia para dizer que o “conhecimento” é fundamental para que as pessoas façam o julgamento correto dele e de seu governo. Compara o Brasil com Israel. Como em toda a entrevista critica a mídia, indiretamente o STF e os governadores/prefeitos, os governos anteriores que “afundaram” o Brasil ética, moral e economicamente (Em outro momento da “entrevista”, o presidente exalta a expansão da internet como uma possibilidade de difundir conhecimento através das redes sociais).

Nesse sentido, sendo a **Canção Nova** uma emissora de “inspiração católica”, fica claramente exposto um discurso do jornalista totalmente ausente do pensamento do Papa Francisco. O jornalista-missionário da Canção Nova, no entanto, se apresenta como mediador ‘católico’ através de um discurso construído e legitimado em ambiência católica.

Pensa-se que o papel da **TV Canção Nova** é representar, falar e discutir questões de interesse público, público-alvo de uma televisão segmentada, e não demonstrar uma posição editorial, de direita ou de esquerda, demarcada em território televisivo. Evoca-se aqui Charaudeau (2006), no livro *Discurso das mídias*, que traz dentre tantas reflexões alerta para as armadilhas geradas pelo texto enquanto produto midiático. Charaudeau alerta para os perigos de um plano econômico condicionar a produção de conteúdos e de sentidos, que acaba por gerar o que chama de “possíveis interpretativos”. E aqui está o risco de tudo isso, especialmente considerando que a interpretação da informação da recepção para um tema de interesses nacionais envolve uma complexidade de variáveis, em um dos casos, investigações exaustivas e sérias.

Atente-se para o fato de que a entrevista é exibida exatamente oito dias depois que a CPI da Pandemia acabara de ser concluída, após quase seis meses de trabalho, acusando formalmente o presidente da república, depois de um processo longo de investigação, de ter cometido nove crimes: prevaricação; charlatanismo; epidemia com resultado morte; infração a medidas sanitárias preventivas; emprego irregular de verba

pública; incitação ao crime; falsificação de documentos particulares; crime de responsabilidade e crimes contra a humanidade<sup>20</sup>.

Na entrevista, inclusive, nota-se pouco caso do presidente e do próprio jornalista com as mais de 608 mil vítimas da Covid<sup>21</sup>. Ouve-se do presidente, algo do tipo, ao falar dos prejuízos causados pela pandemia ao povo brasileiro: - "muitas mortes, infelizmente" -, o que beira quase ao desprezo pelos mortos e por suas famílias.

Cabe aqui a afirmação de Charaudeau (2006) de que é comum que representações midiáticas acabem por cair no “simulacro”, por mais que existam tentativas de interação das mídias com o seu público. O que, em prática, não se materializa. “Não há diálogo e troca, somente o simulacro”, afirma (2006, p.124). Este é o caso da referida entrevista conduzida por Ronaldo Silva, quando o apresentador a inicia dizendo que trará, ao longo da conversa, perguntas suas, de seus familiares e da audiência do programa. De qual público estamos falando? O público-alvo do programa em questão é da extrema-direita brasileira?

Note-se que ser contra o aborto e o uso de drogas ou mesmo a favor da família tradicional e das privatizações, não significa dizer que toda a audiência da Canção Nova e de qualquer emissora de televisão aberta brasileira e da internet seja a favor de todas as agendas do presidente.

#### **4. BREVES CONCLUSÕES:**

Talvez o efeito mais nocivo dessa “entrevista”, maior ainda do que o seu próprio conteúdo, seja o fato de ela ter sido transmitida “rotineiramente” na Canção Nova, uma rede de televisão identificada como “católica” e, portanto, como detentora do aval da Igreja Católica no Brasil<sup>22</sup>. A associação de imagem entre o presidente e o catolicismo (vide os comentários das pessoas que assistiram à “entrevista” no YouTube) é muito

---

<sup>20</sup> Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/com-nove-crimes-atribuidos-a-bolsonaro-relatorio-da-cpi-e-oficialmente-apresentado>

<sup>21</sup> Dados da primeira quinzena de outubro de 2021.

<sup>22</sup> Em 07/11/2021, mais de 77 mil pessoas já tinham visualizado a entrevista no canal da Canção Nova no Youtube.

difícil de ser avaliada e certamente suas consequências são imensas e duradouras. Essa é a grande questão.

Por isso, voltamo-nos ao “pensamento complexo” de Edgar Morin, trazido pelo livro *Introdução ao “Pensamento Complexo”* (2007), que defende a capacidade de conectar diferentes esferas, leituras e interpretações da realidade. O que deveria ser um exercício a ser praticado por um jornalista, considerando as suas responsabilidades para com interesses sociais. Aliás, o referido programa traz em sua descrição no site do canal: “O programa apresentado por Ronaldo da Silva é semanal e tem uma linha editorial voltada para a prestação de serviço à população por meio da informação”. E prestar um serviço à população é olhar para toda essa complexidade da conjuntura política, social e econômica do país, e não somente por meio das lentes do presidente da república.

Márcia Tiburi (2011), no livro *Olho de Vidro*, fala sobre os efeitos que a “linguagem no âmbito das imagens técnicas”, causa no espectador, considerando o poder de representação da verdade através de si mesma e o seu alcance.

[...] a vida das imagens técnicas define um mundo em que a linguagem não é exatamente instrumento humano na construção de um mundo político, justo e ético. É que a vida das imagens é a vida em que a linguagem perde naturalmente a sua dimensão explicativa. Ela como que põe seres humanos capazes da linguagem no terreno do protolinguístico, aquele campo em que a imagem é uma espécie de verdade anterior questionada. Por isso a linguagem serve de arma a qualquer poder, por sua capacidade de expor fixando uma verdade cuja validade é a do dogma inquestionado. (TIBURI, 2011, p. 211).

Dito isso, podemos observar que o que deveria ser uma matéria à luz de interesses públicos, um verdadeiro serviço público, transformou-se em algo que pode gerar sérios prejuízos sociais, ao se aproveitar da legitimidade de veículos de comunicação, ao transmitirem imagens contra as quais não se pode questionar, porque, tecnicamente “contra imagens, não há argumentos”.

Some-se a isso as reflexões de Pierre Bourdieu, no livro “Sobre a Televisão” (1997), que alerta para o perigo de a televisão se tornar um “instrumento de opressão simbólica ao posto de ocupar o espaço de importante “instrumento de democracia direta” (1997, p.13) e, exatamente, disserta sobre a grande carga de responsabilidade de se criar nomenclaturas – acrescentamos reforçar certos termos e fazer com que sejam

parte do cotidiano da cidade –, por toda a carga de estereótipos e de “falsas representações” que isso pode gerar.

Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência. E as palavras podem causar estragos... Acontece-me ter vontade de retomar cada palavra dos apresentadores que falam muitas vezes levemente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades em que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem as compreender e sem compreender que não as compreendem. Porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas. (BOURDIEU, 1997, p.26).

Ora, é a voz de alguém intitulado missionário, da Igreja Católica, que se coloca no papel de mediador do programa e da emissora de televisão Canção Nova. Um jornalista que atuou na Rádio do Vaticano e que recebe um espaço importante de fala em emissora de televisão aberta. Arrisca-se dizer que o sentimento que emerge, a partir das questões elaboradas pelo jornalista (e por sua produção), é de uma entrevista e de um jornalismo chapa-branca, subserviente – embora a palavra possa não se aplicar cento por cento ao caso –, que atravessa princípios éticos e valores diretamente ligados ao exercício do jornalismo. Não há confrontos de ideias ou mesmo questionamento. (E os fundamentos do diálogo? Do questionamento jornalístico?).

Mas percebe uma entrevista espetacularizada (“o senhor atrai multidões em suas visitas”) que endossa um plano político na maioria das vezes opressor, capitalismo ao extremo. Exemplo disso é que é falado sobre o sucateamento de aparelhos públicos, por meio de privatizações; a posição clara em relação a um pseudo “anticomunismo e antissocialismo” (Qual é mesmo o entendimento do presidente sobre isso? Por que isso não foi perguntado? Fica a curiosidade).

Nada se questionou sobre o plano maquiavélico de devastação da Amazônia que, como apresentado na entrevista parece ser feita pelos próprios povos indígenas, em suas reservas demarcadas, com fins de desenvolvimento de monocultura e retroalimentação do agronegócio. Concorrência com latifundiários? Uma forma cruel e insana de revirar a Amazônia virada do avesso, de doutrinação de povos indígenas já tão explorados historicamente e de exploração de grupos menos esclarecidos acerca das reais questões políticas do governo Bolsonaro, que defende com veemência o agronegócio e a exploração de terras não ocupadas.

Presencia-se um espetáculo e uma aula daquilo que um jornalista comprometido com a busca da verdade e dos fatos não deveria fazer. Algo que atravessa os limites éticos, princípios e valores que regem a carreira jornalística: qualitativos, adjetivações constantes; tom sarcástico do jornalista para com questões sérias do país; demonstração de simpatia pelo discurso e defesas do presidente.

O interlocutor traz questões disfarçadas de intenções afirmativas, endossando valores e concepções do presidente. Não eram perguntas, mas confirmações a respeito dos feitos do presidente.

A imprensa é atacada e não há reação do jornalista para defender os colegas ou ao menos questionar o presidente. E sobre a violência verbal e física contra jornalistas praticada pelo presidente e sua equipe em Roma, nos últimos dias?

Ouve-se do presidente que a imprensa produz *fake news* e o governo defende liberdade de imprensa. Um discurso completamente fora da realidade fática. Vê-se algo muito próximo a uma entrevista palanque, com fins eleitorais.

Não há contrapontos de pensamento, confronto de ideias, em momento algum. Não há nem sequer o questionamento sobre a política armamentista do governo Bolsonaro, algo que afronta os princípios éticos do cristianismo. Vale lembrar que houve no Brasil, no ano de 2005, um referendo sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições, fortemente apoiado pela CNBB. Dessa forma, a que igreja e partido político ou ideologia política o programa “Além da Notícia” representa? Ao final o jornalista agradece, fala como representante da Canção Nova e abençoa o presidente.

Um ponto fundamental na “entrevista” do presidente à TV Canção Nova é a utilização enviesada do tema da liberdade, tão caro principalmente às classes média e abastadas. “Quem luta por liberdade de expressão no Brasil é o governo federal.”

Essa talvez seja uma das frases mais absurdas ditas pelo presidente Jair Bolsonaro durante a entrevista. Primeiro, porque ele adota confusão conceitual para pregar que liberdade de expressão seria um direito absoluto, que permite tudo e garante “carta branca” para discursos de ódio, tóxicos ou nocivos; preconceitos, desinformação, *fake news* e violência simbólica.

Mas toda liberdade tem limites, e temos legislações específicas que podem e devem ser utilizadas para os casos de crimes ou descumprimento das condições mínimas de civilidade e respeito. Quem defende de fato a liberdade de expressão de modo algum deveria defender práticas e estratégias de ataques, violências e ofensas contra qualquer indivíduo ou grupo social.

O segundo ponto é que este governo talvez seja um dos que mais age de modo reprimir a liberdade de expressão desde o fim da ditadura. Em pesquisa recente sobre censura e liberdade de expressão, realizada no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social<sup>23</sup>, conseguiu-se mapear mais de 40 casos de censura explícita ou tentativa de controle de manifestações artísticas e culturais no Brasil entre julho de 2017 e março de 2021. Há um incremento dessas práticas justamente a partir de 2019, quando o presidente Jair Bolsonaro foi eleito. Alguns exemplos: ele atuou explicitamente para impedir a veiculação de um comercial do Banco do Brasil do qual discordava e orientou a exoneração do diretor de marketing responsável pela produção. Em agosto de 2019, o Ministério da Cidadania decidiu cancelar um edital que estava em andamento e selecionaria obras para transmissão em TVs públicas. O motivo foi haver finalistas que se enquadravam na temática “diversidade de gênero”, que trazia três obras com abordagem LGBTQIA+. Ainda que a Justiça tenha determinado a retomada do edital, ele foi suspenso com a concordância do presidente, que inclusive deu declarações públicas apoiando a suspensão. É esse mesmo agente público que diz defender a liberdade de expressão. Ainda que nem todos os casos levantados na pesquisa mencionada sejam motivados por ações do presidente, fica nítido que o Governo Federal estimula e incentiva práticas censórias quando é de seu interesse.

É novamente interessante notar que o entrevistador da Canção Nova não tenha mencionado qualquer desses exemplos quando o presidente se colocou como defensor da liberdade de expressão.

Durante toda a “entrevista” observamos histórias, pessoas, instituições e religiões (cristianismo) usadas como forma de dominação do discurso jornalístico. Algo que se coloca aquém do jornalismo, da verdade, da vida, da sacralidade, dos afetos, da tolerância e do respeito às diferenças. Um discurso que ataca e incentiva povos originários do Brasil a praticarem a monocultura e a não preservar as suas terras,

---

<sup>23</sup> Pesquisa coordenada pela professora Fernanda Nalon Sanglard.

decerto, não pode ir ao encontro da Economia de Francisco e Clara e à Encíclica *Laudato Si*.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.

ALVES, K. C. **Audiências ativas no Brasil e Espanha**: telejornalismo e colaboração. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, 2019, 356f.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FEITOSA, D. F. Os “Cantos” da Cidade Narrados pela TV: História e Representação sob Olhares de Quem Vive(u) e de Quem Vê(iu) In: **XXV Mostra da Pós-graduação UPM e USP: Convergências e Transbordamentos Interdisciplinares**, 2018, São Paulo: LiberArs, 2019. v.1. p. 320-339.

FEITOSA, Deisy Fernanda; ALVES, Kellyanne Carvalho. “Telejornalismo: o lugar das diversidades, representatividades e da fala”. IN: Emerim, Cárlica et al (org.). **Telejornalismo e direitos humanos**: Pesquisas e relatos de experiências / Organizadores: Cárlica Emerim, Ariane Pereira, Edna Melo e Flávio Porcello; Prefácio de Alfredo Vizeu. – 1. ed. – Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021. 300 p.; figs. 15X21 cm. (Série Jornalismo Audiovisual, v. 13).

GUARESCHI, P. A. **O direito humano à comunicação**: pela democratização da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

IJUIM, J. K. Jornalismo e humanização: heranças eurocêntricas no pensar e no fazer jornalísticos. **Extraprensa**, v. 13, n. 2, p. 91 – 108, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/159921>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

MUSEU DA MEMÓRIA E ORALIDADES SOBRE A TV. Pesquisa de pós-doutoramento de Deisy Feitosa. Diversitas; Programa de Pós-Graduação – Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da FFLCH (USP); LabArteMídia e Obted (PPGMPA e CTR-ECA/USP). Disponível em: <http://memorytvmuseum.com>.

RADDATZ; V. L. S.; NASI, L. **Jornalismo como campo mediador dos direitos humanos**. **C&S**, v. 39, n. 2, p. 79-102, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/6789>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.